OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, (m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 886

10 DE AGOSTO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

VERIFICAÇÃO DA MORTE DE S. S. LEÃO XIII PELO CARDEAL CAMERLENGO OREGLIA

CHRONICA OCCIDENTAL

Com o nome de Pio X sentou-se finalmente, no solio pontificio, depois de poucos dias de anciedade em todo o mundo catholico, o cardeal Sarto, um dos menos falados como apresentando probabilidades.

O povo, que se agglomerava na Praça de S. Pedro, durante longas horas teve seus olhos postos na chaminé onde o fumo, pela sua côr e densidade, lhe diria—unico signal permittido do interior para o exterior do Vaticano — se a eleição fôra difinitiva ou se o mais votado não obtivera o numero de listas necessario para a conquista da thiara.

Tanto se falou das sympathias que haviam conquistado entre seus companheiros os cardeaes Oreglia, Vannutelli, Gothi e Rampolla, que poucos duvidavam do exito de qualquer d'estes. Dizem telegrammas que effectivamente este ultimo seria o escolhido se não fôra o veto intimado ao sacro collegio pelo cardeal austriaco. O escrutinio final, apesar do veto, ainda lhe deu dez votos, dando cincoenta ao cardeal Sarto, isto é, mais que os dois terços dos votos necessarios.

Era eleito o Papa, o que desde então governa a Egreja, o representante de Christo na terra. Todos os docéis dos thronos dos cardeaes logo se abateram, mantendo-se apenas o do cardeal eleito, antigo arcebispo de Veneza. Vestiram-lhe as vestes pontificaes, a sotaina branca e o roquete de linho; puzeram-lhe o solidéo branco e calçaram-lhe os sapatos bordados; o cardeal camerlengo entregou-lhe o annel do pescador. Então todo o sacro collegio, quando o papa entrou na basilica e subiu ao solio, se prostrou e lhe foi beijar a mão.

De origem muito humilde, o que é para elle mais um titulo de gloria, o novo papa Pio X pertencia á ordem dos cardeaes presbyteros e apresentava ainda menos probabilidades, dizia-se cá fóra para a eleição, do que outros, menos em evidencia do que alguns já citados, como, por exemplo, os cardeaes di Pietro, Svampa, Capecelatro, Ferrata, e ainda outros.

Entretanto com applauso unanime foi seu nome proclamado.

Era arcebispo de Veneza, e da historica cidade do Adriatico, quando partiu para tomar parte no conclave, conta-se que um operario lhe dissera á despedida:

— Fazemos votos para que V. Eminencia não volte.

E ainda foram mais altas as acclamações com que d'elle se despediram.

Muito se conta já das virtudes de Pio X, de sua piedade e de seu espirito conciliador. E' tanta a sua caridade que, recebendo em Veneza honorarios subindo a quarenta mil liras, ao cambio actual mais de sete contos e duzentos mil réis, se viu muita vez embaraçado para sustentar sua casa, tantas eram as esmolas que dava generosamente.

Quando deitou sua primeira bençam ao povo, todos os assistentes o victoriaram com gritos de «Viva Pio X». A multidão agglomerada em torno do palacio não se calava.

Todos os chefes de estado, sem excepção, até os governos do Japão e da China, enviaram a Roma telegrammas saudando o novo pontifice.

O presidente dos Estados Unidos, Roosevelt, affirmou o respeito da Republica norte-americana pelo novo chefe da Egreja catholica. Diz-se que em França, nas regiões do poder, a eleição do cardeal Sarto foi recebida com prazer, considerando-se muito favoravel para as relações do Vaticano com a Republica.

Continuam por emquanto os jornaes de todo o mundo publicando em grosso normando telegrammas de Roma e fazendo-lhe seus commentarios. Caso raro em pleno agosto, mez em que as noticias escasseiam, poder-se assim encher columnas e columnas com assumptos que a todos interessam.

Lisboa n'este tempo não costuma dar grande contigente ao noticiario e em geral é preciso ir pedil-o á provincia, a qualquer d'essas terras, onde os felizes vão buscar um ar mais perfumado, quando não é allivio a qualquer doença.

Cintra, que, apesar da barbara mão dos homens, ainda conserva algumas das suas principaes bellezas, é para onde n'este mez mais afflue a concorrencia dos lisboetas. Cintra nos dará duas noticias.

A primeira refere-se á linda e decantada arvore da Regaleira, que vai decrepitando pela edade e mais um tronco deixou cahir, sem que, felizmente, causasse desgraça, pelo aviso que receberam a tempo as pessoas que se abrigavam á sua sombra. A carruagem em que iam a familia e pessoas amigas do sr. Theodoro Ferreira Pinto escapou por um triz, devido á presença de espirito do cocheiro, que a tempo chicoteou os cavallos.

A outra noticia que Cintra nos forneceu é a da *garden party* que o sr. Page Bryan, ministro da America, offereceu aos officiaes da esquadra americana actualmente fundeada no Tejo.

O comboio que transportou os convidados chegou a Cintra ás cinco horas e vinte minutos e a festa, durante a qual tocou a banda do *Brooklyn*, durou até ás nove horas da noite.

O bufete abriu ás sete horas, e, antes e depois, dançou-se animadamente.

Os americanos divertem-se e sabem divertir-se. O almoço que deram a bordo do *Brooklyn* foi animadissimo e concorridissimo.

Alguns officiaes da esquadra visitaram Evora e Alvito, onde o velho Marquez os recebeu á portugueza, offerecendo-lhes um bailarico no terraço, com toques de guitarra e descantes do fado. Os officiaes enthusiasmados soltaram *hurrahs* ao fidalgo amphitrião.

Temos os americanos em Lisboa e evolucionando nas costas do Algarve anda a maior esquadra que tenha visitado aguas portuguezas. Espera-se que ali se reunam cento e vinte e oito navios inglezes, fazendo exercicio.

Diz o *Figaro* que Eduardo VII mandará a Lisboa vinte e um vasos de guerra para agradecer a El-rei sr. D. Carlos, o ter auctorisado que os exercicios da esquadra ingleza se fizessem nas aguas portuguezas do Algarve.

O mar é hoje dos inglezes, não ha duvida; é d'elles como antigamente foi de Portugal. Não tinhamos, é certo, vasos de guerra de quinze mil toneladas, mas em frageis caravelas dobrou Bartholomeu Dias o Cabo da Boa Esperança, e com trez náos, que não valiam ao pé d'um couraçado d'hoje mais que uma casquinha de nóz, atreveu-se Vasco da Gama a ir até á India.

A conquista dos mares!... Historia velha. Outra maior conquista é hoje o sonho de muitos: a dos ares.

Mr. Carton, distincto aeronauta francez, tem feito suas ascensões no jardim zoologico e, como o facto entre nós não é vulgar, attrahiu áquelle recinto enorme concorrencia. A primeira falhou; a segunda realisou-se nas melhores circumstancias, sendo mr. Carton acompanhado pelos representantes do jornal *O Dia*, os srs. Marques Freire e Carlos de Carvalho. O balão foi cahir do outro lado do Tejo, nas proximidades da Moita.

O maior de todos os nomes n'esta lucta em que os homens de sciencia e de coragem andam mettidos é inegavelmente o de Santos Dumont, que mais se tem approximado da solução do problema.

Santos Dumont, que é brazileiro como o padre Gusmão, cujas experiencias se realisaram em Lisboa muito antes das de Montgolphier em França, offereceu á França os seus serviços para o caso de guerra com qualquer nação, exceptuando o Brazil e os Estados Unidos do norte da America. O ministro da guerra acceitou o offerecimento e brevemente se fará a primeira experiencia de adaptação do aerostato ao serviço militar.

Pois mais coragem do que Bartholomeu Dias e Vasco da Gama para desvendar os mysterios do Mar das Trevas, mais do que Santos Dumont para se elevar para além das nuvens, precisam d'ora avante os infelizes actores portuguezes para embarcar, nas tristes condições em que muita vez fazem viagem, e ir procurar fortuna em terras do Brazil.

Mais duas pobres actrizes lá ficaram, Adelia Soller, viuva de Sebastião Alves, ha dias fallecido, e Adelaide de Almeida. Um telegramma de Leopoldo de Carvalho veio dar uma esperança de falsidade ás noticias que corriam, mas que infelizmente foram depois confirmadas. Diz-se que o actor Cardozo tambem foi atacado de febre amarella.

Alguns jornaes já protestaram contra a forma por que são organisados estes giros artisticos, que de artisticos nada teem muitas vezes. O nosso collega *O Dia* dedicou uma columna do jornal do dia 5 a commentarios sobre as ultimas tristes novas. Plenamente de accordo com elle, aqui fica a expressão do nosso pezar pela morte de tantos desgraçados.

João da Camara.

OS SECULOS DA REVOLUÇÃO

CAPITULO III

As communas de França

(Continuação do n.º 883)

Ao norte de Cambrai, as cidades flamengas, organisadas pelo theor das antigas associações germanicas, eram livres; bem ao contrario, as cidades francezas, que lhe ficavam ao meio dia, oppressas sob o jugo das arbitrariedades feudaes. Neste seculo, todavia, era irresistivel a corrente das idéas. Eis porque a cidade de Beauvais, partilhada entre o bispo, o capitulo episcopal e o solarengo defensor de uma torre á entrada do burgo, se insurge contra o capitulo e contra o castellão, proclamando a communa com o auxilio e consentimento do bispo, denominado Anselmo (1096-1099). Descido ao tumulo o sacerdote popular, seus successores, o capitulo e o castellão confraternisaram contra os burguezes; mas os aggredidos levaram a melhor no renhido prelio, alcançando conservar intactas as novas liberdades.

Tal é, em pouco, a historia d'estes conjurados revoltosos do seculo XI, a quem a prosa ingenua de um padre contemporaneo denomina — *turbulentos* [1] E foi por isso que a condessa de Vermandois (Amelia), receosa de revoluções, concedeu a *communa* aos habitantes de S. Quentin, jurando o clero e cavalleiros, salvas algumas prerogativas, guardar a nova constituição [2] (1102).

Por egual succedeu em Noyon. Era seu bispo conde o sabio ecclesiastico Baudri de Sarchanville, homem digno, que desde 1098 governava a diocese, sempre na convivencia das necessidades e aspirações do seu tempo. Em 1108 reuniu em assembleia todos os habitantes da cidade, clerigos, cavalleiros, commerciantes e mesteiraes, e, offerecendo-lhes uma carta, estabeleceu a communa por tal forma, que os povos visinhos a invejaram.

Em 1113, era bispo da antiga e opulenta Amiens, Geoffroi, homem virtuoso, que a egreja canonisou; á imitação do illustre Sarchanville, deu a seus diocesanos uma carta communal. A cidade, porém, reconhecendo a senhoria ecclesiastica, estava partilhada entre o conde Enguerrand de Boves, o senhor de Picquigny, vidame *(vicedominus)* [3] heriditario do bispado, e um castellão, vassallo immediato do rei de França. Havendo comprado o vidame, teve contra si o conde, chefe cruel e poderoso da casa de Coucy. O castellão seguiu as partes deste e, porque os dois partidos viessem ás mãos, pesando-lhe a guerra civil, abdicou o episcopado o santo Geoffroi, indo acolher-se á clausura no mosteiro de Cluny (1113).

Teria perecido a constituição municipal, se Luiz, o Gordo, inimigo da casa de Coucy, não viesse em sua defeza. Um concilio reenviou Geoffroi para a sua diocese. E, como elle subisse ao pulpito, promettendo o céo aos que morressem pelas liberdades communaes, a eloquencia sagrada, ao serviço da revolução, produziu tão grande enthusiasmo, que até as mulheres sahiram a combate. O conde e os seus, retrahidos no Castello que dominava a cidade, ahi foram cercados. Durante dois annos repelliram todos os assaltos; mas por fim venceu-os a fome (1115-1117).

Em 1116, Soissons obteve pacificamente a communa. A sua carta, menos livre do que algumas outras, serviu todavia de modelo á cidade de Crespy (no Vallois), e ás de Senlis, de Compiègne, de Meaux, de Fisme, de Sens; e mais tarde a Dijon e a outras cidades do ducado de Borgonha. [4]

Egualmente se ergueu com as novas ideias a cidade de Laon. Era seu bispo em 1106 um certo Gaudri, aventureiro de origem normanda, que entre cavalleiros consumia o tempo, sobrado de arbitrariedades e crimes. De tal ordem foram, que os cidadãos, aproveitando lhe a ausencia na Inglaterra, pediram, e obtiveram a peso de oiro, dos nobres e clero, o reconhecimento de uma conjuração communal.

O bispo no seu regresso, apenas consentiu as novas instituições a troco de grosso cabedal; os burguezes pagaram, impetrando, não obstante, a confirmação do rei, Luiz VI, tambem a troco de ricos presentes e de uma renda por anno. O

---

[1] «... Turbulenta conjuratio factae communionis »
Epistolae Ivonis carnot. Episc., apud Script. rer. gollic et francic, t. XV. p. 105.

[2] «... firmiter tenendam juraverunt »
Recueil des ordonnances des rois de France, t. XI, p. 270, apud Thierry.

[3] *Vidomme. vidamme, vicedomminus* — Vigario do bispo ou conde, encarregado da administração da justiça.
Henri Martin, — *Histoire de France*. p. 188 90.

[4] A. Thierry, — *Lettres sur l'histoire de France*, Lettre VIX, p. 208-209.

accordo, porém, não foi duradoiro Em 1112, assistindo o rei ás festas da semana santa em Laon, offereceu-lhe o bispo 700 libras para cassar a sancção que houvera dado á communa O rei annuiu; e, como fosse ordenado aos magistrados populares que não mais exercessem suas funcções, entregassem o sello e bandeira da cidade, e não tangessem o sino da communa, que soia annunciar a abertura e encerramento das audiencias, — tal ordenação produziu a revolta. Como o rei e seus cavalleiros abandonassem a cidade, os burguezes, em assembleias secretas, juraram assassinar o bispo e os nobres, que haviam conspirado a ruina de suas liberdades. Em breve a cidade de Laon se converteu em theatro das maiores violencias. A revolução tocára o seu auge. Paixões reprimidas e subjugadas, espadanaram então tumultuosas, á maneira de um grande mar que rue por terra diques e obstaculos.

O bispo levado pelos cabellos, arrastado, cuzido ás punhaladas, lançaram no moribundo para um canto, onde os transeuntes o foram acabando á pedrada, no meio de improperios e sarcasmos. Muitos cavalheiros puderam fugir; outros foram mortos. As mulheres dos revoltosos, compartindo a paixão desordenada dos maridos, insultavam as damas nobres que haviam ás mãos, despojando-as de joias e vestidos. Destruidas muitas casas feudaes, o incendio allumiou durante dias estas scenas violentas.

Termina aqui, escreve um pensador illustre, a primeira parte da historia da communa de Laon. Comprehende tres periodos: — no primeiro os vassallos pedem submissos, e os poderes constituidos accedem apparentemente benevolos; depois repesos da concessão, retraem suas promessas, quebram os juramentos e destroem as novas instituições, que se haviam imposto guardar; então as paixões populares, resentidas da injustiça, dominadas pelo instincto da vingança, receosas do futuro, desencadeiam-se. Como diz a experiencia, é este o caminho por onde seguem as grandes revoluções, caminho trilhado pela insurreição de uma cidade, como pela sublevação de um povo; e isto porque em ambas se embatem interesses e paixões, diversos talvez na forma, mas eguaes na essencia. No seculo XII para as evoluções politicas a lei era a mesma, que mais tarde veiu a dar-se nas do seculo XVIII; lei soberana e absoluta, que será a dos nossos filhos, como é a nossa e foi a de nossos paes. Levamos vantagem a nossos maiores, porque melhor sabemos para onde nos dirigimos, e quaes as contingencias tristes ou felizes, que nos traz o curso progressivo e irresistivel do aperfeiçoamento social[1].»

Não é nosso proposito descrever em miudo a historia da communa de Laon; não nos soffre, todavia, o animo passar em silencio a reacção do rei, dos nobres e clero contra os burguezes; que haviam impetrado auxilio do famoso Thomaz de Marle. E' uma pagina dramatica das luctas violentas da edade media. Imagine-se uma cidade entregue ao saque: os lares, extinctos; roubadas as economias de annos; as mulheres, violentadas; commerciantes e mesteiraes arrastados á cauda dos cavallos; outros, dependentes nos patibulos; muitos, apunhalados; os cadaveres, expostos ao tempo e pasto dos cães e dos corvos; a excommunhão, terrivel anathema d'aquella epocha sombria, pairando sobre tantas desgraças!

Mas taes atrocidades não puderam suster a onda revolucionaria. Em 1128, o receio de novas revoltas constrangeu o bispo successor a conceder uma nova carta de communa, que o rei Luiz, o Gordo, sanccionou em assembleia reunida em Compiègne. N'esse documento, os partidos, cançados de tantos excessos, transigiram para obter a paz. Os termos do antigo codice assim o revelam: a palavra *communa*, que trazia á memoria paixões mal adormecidas, foi substituida pela phrase — *institutio pacis*, significando a boa vontade de accordo futuro entre cavalleiros e peões; os marcos, que extremavam o territorio da communa, chamaram-nos — *marcos de paz*; e os cidadãos — *os que juraram esta paz*.

Agora, parece que chegámos ao termo das revoltas d'esta cidade: tal não aconteceu. Os homens levam para o tumulo as suas paixões; mas as classes e as ideias é que não morrem. Existindo, frente a frente, vencedores e vencidos, nobres e villões, suzeranos e vassallos, isto é, duas classes differentes, proseguiu a lucta: uns desejavam rehaver o que seus avós tinham concedido; outros conservar as regalias, que a revolução burgueza havia conquistado; d'ahi a guerra civil, seguindo até ao seculo XIV com varia sorte.

Em 1175, o novo bispo, Roger de Rosoy poderoso feudatario, parente dos senhores de Pierrepont e d'Avesnes, e alliado do conde do Hainaut, apparece na liça, onde se haviam gladiado as duas grandes revoluções da communa de Laon. Então, como acontecera na Italia, o perigo imminente de esta cidade, a Milão das communas francezas, incita a confraternidade de muitas outras contra a poderosa alliança do feudalismo. A cidade liga-se ás de Soissons, de Crespy, e de Vailly, obtendo do rei de França, Luiz VII, cognominado o Moço, a confirmação da carta concedida por seu pae.

Obtida por alto preço, e jurada a nova constituição em 1177, d'este modo se apparelharam os dois partidos, o da revolução e o da auctoridade. Vieram ás mãos na batalha de Saint-Martin de Comporta. Pelejavam do lado dos burguezes as tropas do rei e a das communas alliadas; do lado do bispo, os feudatarios da egreja, os poderosos barões de Pierrepont e de Avesnes, e depois os cavalleiros e peões do conde do Hainaut, grande vassallo do imperio A guerra de Laon transformou-se, por isso, em guerra civil; e seguindo com alternada sorte, concluiu com um tratado de paz, que permittia ao bispo o governo da sua diocese sob a condição de deixar tranquillas as liberdades communaes.

Durante a vida do rei conteve-se o alto dignatario da egreja. Fallecido, porém, Luiz VII, em 1180, reviveram as suas pretenções, que elle proprio foi advogar na côrte de Filippe-Augusto. D'esta vez ainda a venalidade tomou o passo ao direito O rei aboliu a carta de Laon, a troco da senhoria de la Fére-sur-Oise, pertencente ao bispo por direito hereditario (1190).

Neste seculo, como se vê, era ephemera a boa fé dos contractos. O mais experto era o que melhor sabia mentir e faltar á *promessa acceita*. Já então era conhecido o principio — de que as coisas se desfazem pelo mesmo modo por que se fazem; e por isso os burguezes compraram a boa vontade do rei, obtendo a confirmação da sua nova carta ou instituição de paz.

O documento dizia assim:

«Filippe, rei de França por graça de Deus, fazemos saber a todos, presentes e futuros, que o rei Luiz, nosso avô de boa memoria, havendo outhorgado *uma paz* aos habitantes de Laon, assim como nosso pae de religiosa recordação, que houve por bem confirmá la em juramento, como se contém na sua carta authentica, que vimos; — com a acquiescencia dos cidadãos, mandámos cassar a dita carta em virtude de uma nova convenção, cujo theor é o seguinte: — Pela sua antiga carta nos deviam os ditos cidadãos *aposentadoria* por tres vezes em cada anno, quando viessemos á cidade, ou vinte libras no caso de ahi não irmos. Ficarão, porém, isentos tanto da obrigação de *aposentadoria*, como das vinte libras, com tanto que, em cada anno no dia de Todos os Santos, nos paguem a nós e a nossos successores duzentas libras cunhadas em Paris. Mediante a presente convenção garantimos para sempre o sobredito *estabelecimento de paz*».

Assim procedeu o rei, ganhando pela nova concessão. Trocára o direito de aposentadoria ou vinte libras, por duzentas libras cunhadas em Paris, além das *luvas*, como hoje se diria. Mas os burguezes pagavam sem reluctancia; e mais valia isso do que andar em guerras continuas, e perder de uma só vez os lucros economisados no trabalho de muitos annos.

Os successores do bispo não atacaram de mão armada os burguezes; mas passaram todo o seculo XIII a excommungá-los. Se a excommunhão fulminasse apenas os magistrados municipaes, seria coisa de pouca importancia; mas não era assim, estendia-se a toda a cidade. De modo que, privados do baptismo e orações funebres, e das solemnidades religiosas, viviam aterrados os habitantes de Laon; e por isso davam satisfação á egreja, pagando multas pecuniarias e soffrendo com paciencia as cerimonias humilhantes, que lhes impunha a auctoridade pontificia. A sua crença politica permanecia, comtudo, inabalavel.

Em 1204, as ruas da cidade foram testemunhas de novos motins populares. Dois nobres espancaram um cidadão na propria casa d'elle. Os visinhos correram ao alarido; e, como aquelles se refugiassem na egreja, que tinha o direito de asylo, os burguezes amotinados profanaram o logar santo, arrombando-lhe as portas, e derramando sangue. O sacrilegio era enorme. Terminou a celebração dos officios e a excommunhão fulminou a cidade, que ficou interdicta. O capitulo queixou-se vehemente a Bonifacio VIII, que exortou o rei de França, Filippe, o Bello, a punir os criminosos, destruindo a communa, contraria aos direitos e tranquilidade da egreja. Dois commissarios regios, Pedro de Sargine e João Choisele, foram, de ordem do rei inquirir do caso. Procedeu-se a corpo de delicto; e, concluido o processo, foi julgado pelo parlamento, que condemnou a communa.

A sentença, porém, não foi executada. E nem era facil destruir com uma decisão judicial a communidade politica que durava ha duzentos annos O rei, que a historia aponta como habil politico e que precisava das tropas concelhias para conter em respeito seus poderosos vassallos, houve por melhor conservar provisoriamente as liberdades burguezas, salvo o ensejo opportuno de lh'as cassar de vez. Assim, deu-lhes uma nova carta, cuja principal clausula estatuia: — «a existencia da dita communa e suas magistraturas durará emquanto nós quizermos.»

O capitulo diocesano não podia ficar satisfeito com esta solução; por isso, arbitros nomeados pelos dois partidos compelliram os cidadãos de Laon a pagarem uma renda annual á egreja e a praticarem certas cerimonias expiatorias: — «Na primeira festa solemne, cem dos burguezes excommungados, descalços e mal vestidos, caminharam em procissão, de cruz alçada desde o sopé da montanha de Laon até á cathedral. Tres de entre estes levavam nos braços imagens de cera humanas com o peso de 20 libras, que foram entregar ao deão e aos conegos, em signal de restituição. Depois do que, a interdicção foi levantada por ordem do papa.»

A lucta de Filippe Augusto e Bonifacio VIII, contenda entre o poder temporal e o poder espiritual, foi elemento de vida para a communa. O pontifice abolira a por uma bulla, que o rei mandou queimar. Os seus dois successores, Luiz X e Filippe V, não lhe foram adversos. Este ultimo até ratificou a carta de Filippe Bello, e confirmou aos cidadãos o exercicio dos seus direitos — «por tanto tempo quanto aprouvesse á vontade do rei.» Carlos IV, porém, instado pelo clero da França e pelos inimigos da *conjuração armada*, publicou em 1322 contra ella uma ordenação, em que difinitivamente acabava com os seus direitos de burguezia.

Os cidadãos de Laon não desanimaram; recorreram outra vez á venalidade da côrte, e com promessas e ricos presentes pleitearam a sua causa perante o rei. Em 1328 ainda continuava o pleito, porque os adversarios contraminavam, combatendo com armas identicas as pretenções dos procuradores populares. Morreu o rei Carlos IV, succedendo-lhe Filippe VI, o que finalmente decidiu — «que, em virtude da sua auctoridade, tinha direito de fundar, estabelecer communa na cidade de Laon, todas as vezes que lhe aprouvesse, e julgasse de *proveito* fazê lo.» A palavra — *profitable* do documento explica-nos a decisão da côrte; mas tambem nos revela a causa que originou, e agora definitivamente, a morte da communa. A 29 de abril do anno de 1330, Alberto de Roye, agora bispo de Laon, depoz nas mãos do thesoureiro de França uma enorme somma de dinheiro; e este argumento irresistivel provocou a ordenação de 1331, que passados dois seculos, foi a lapida sepulchral sob que dormem as liberdades de Laon.[1]

(Continúa) *Conde de Valenças.*

AS NOSSAS GRAVURAS

OS FUNERAES DE LEÃO XIII

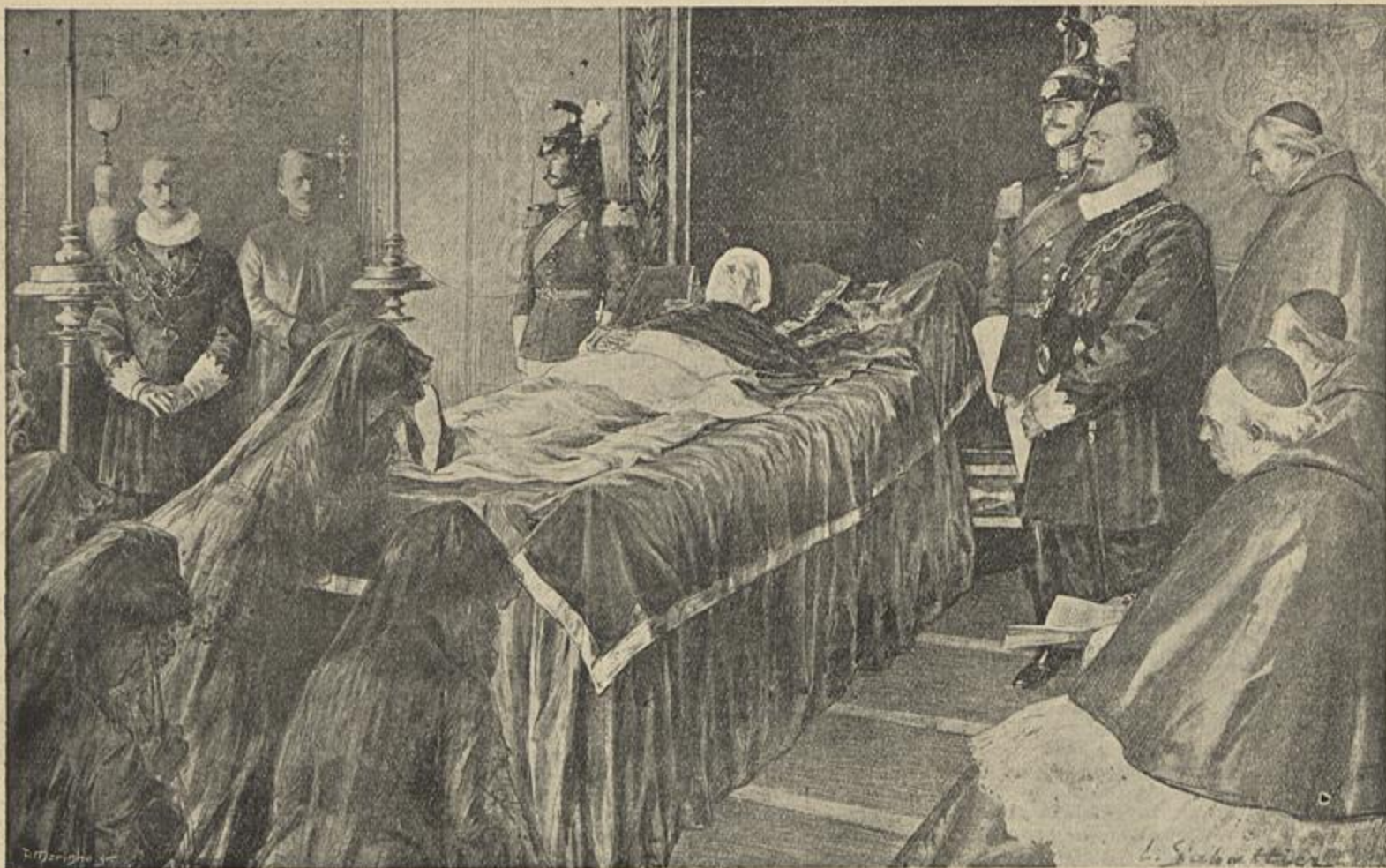
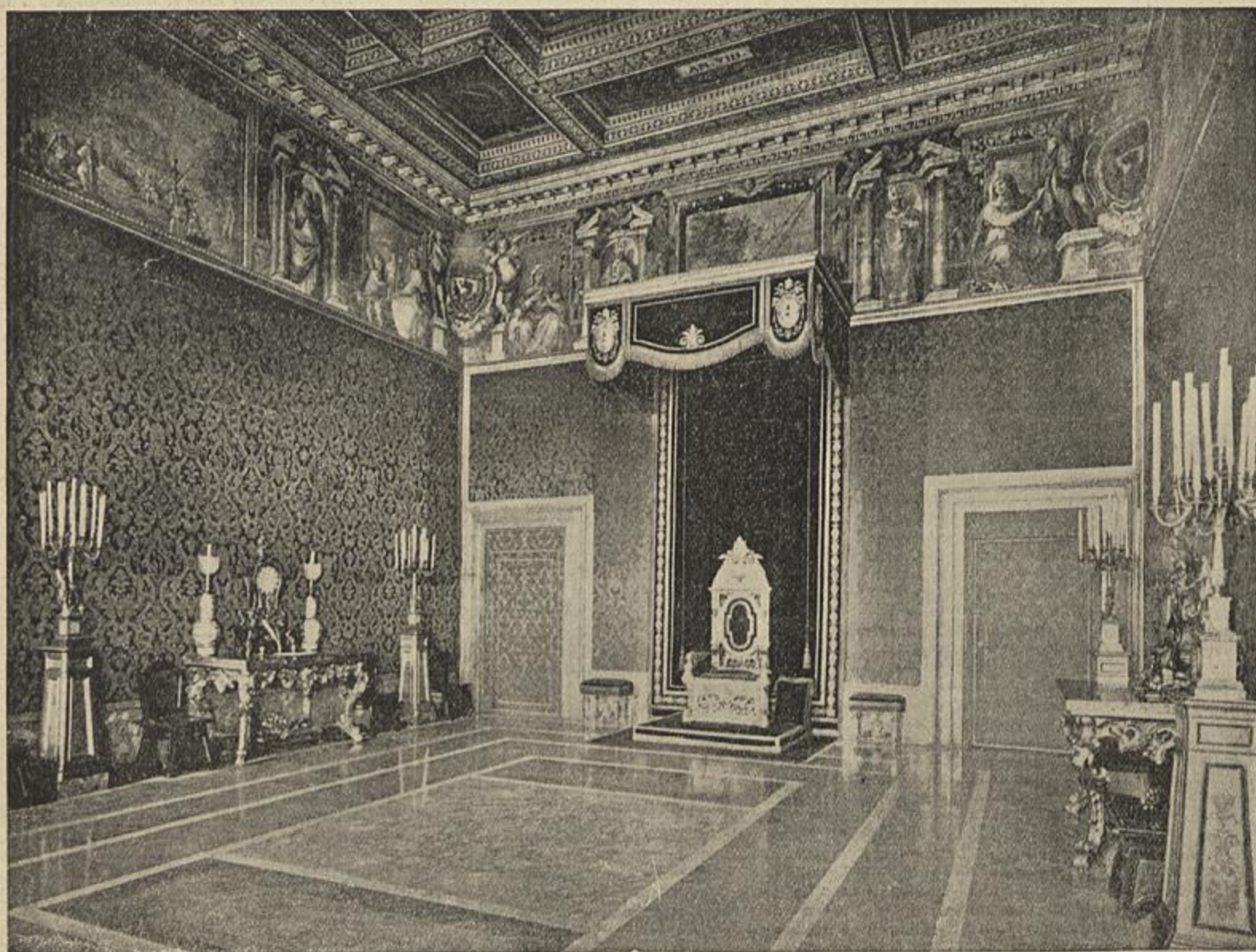
O inicio das cerimonias funebres realisou-se na manhã do dia 21 de julho, pelo reconhecimento do cadaver e constatação da morte, ceremonia a que assistiu o cardeal camerlengo, o cardeal Rampolla, os medicos, diversos prelados, o notario da capella apostolica, os mestres de cerimonias pontificaes, e outro criado particular de Leão XIII, etc.

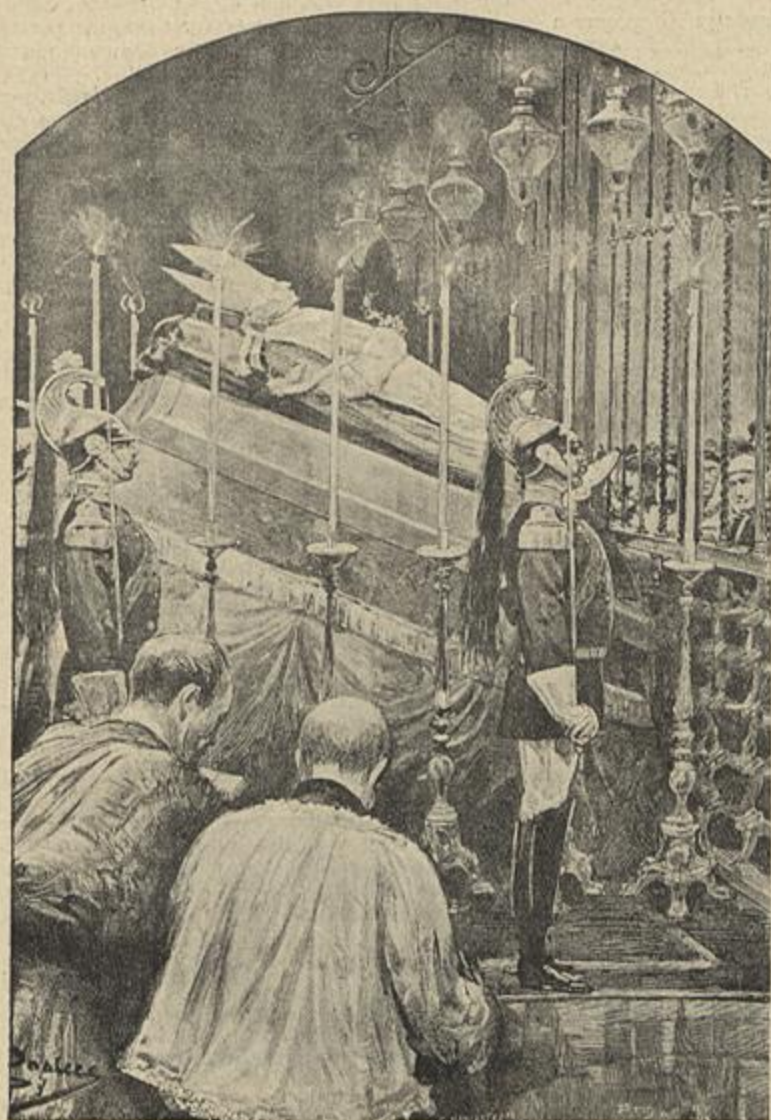
A' ultima absolvição todos se retiraram, ficando o corpo entregue á vigilancia dos guardas nobres e dos penitenciarios da Basilica da Ordem dos Menores Conventuaes.

Pela tarde entrou na camara o esculptor e professor Alberto Galli, director das galerias pontificias, encarregado de tirar em cera a mascara de Leão XIII, seguindo-se a esta cerimonia a do

[1] A. Thierry.

[1] Veja-se ácerca deste capitulo, alem dos historiadores citados, a Histoire Genérale de *Ernest Lavisse* e *Alfred Rambaud*, t. II, cap. VIII.

Os funeraes de S. S. Leão XII

EXPOSIÇÃO DO CORPO DE S. S. LEÃO XIII, NA SALA DO THRONO — AS SENHORAS DA ARISTOCRACIA ITALIANA BEIJANDO O PÉ DE S. SANTIDADE

SALA DO THRONO NO VATICANO ONDE ESTEVE EXPOSTO O CORPO DE S. S. LEÃO XIII

Os funeraes de S. S. Leão XIII

EXPOSIÇÃO AO PUBLICO DO CORPO DE LEÃO XIII, NA CAPELLA DO SANTISSIMO

COLLOCAÇÃO DO FERETRO NO TUMULO PROVISORIO, NA BASILICA DE S. PEDRO

embalsamamento sob a direcção do dr. Lapponi, auxiliado por outros distinctos medicos.

Terminada esta trabalhosa operação o cadaver foi lavado com uma solução de benzina e agua, voltando o cardeal Oreglia para assistir ao revestimento do corpo com os seus habitos usuaes: sotaina branca, manto de velludo carmezim e solideu. Devendo n'essa occasião ser tirado ao finado pontifice pelo cardeal camerlengo o *annel de pescador*, que serve para sellar os actos pontificaes verificou-se ter desapparecido.

Em seguida foi deposto o corpo n'um leito coberto de colcha de damasco vermelho sendo-lhe cruzadas as mãos sobre o peito e entre ellas collocado um pequeno crucifixo.

Oito escudeiros ergueram o leito onde o cadaver estava deposto e precedidos e seguidos de outros sustentando brandões, guardas nobres, guardas suissos e mestres de cerimonias, transportaram o corpo dos aposentos pontificaes para a sala do throno.

Então as portas dos aposentos de Leão XIII foram selladas, permittindo-se só aos cardeaes, diplomatas e aristocracia romana, o approximarem-se do cadaver.

O cardeal Oreglia communicou officialmente a todas as nações o fallecimento de Leão XIII, sendo a noticia affixada nas egrejas e estabelecimentos ecclesiasticos.

Na noite de 22, o corpo de Leão XIII foi transportado para a Basilica de S. Pedro, com grande solemnidade sendo a eça armada na capella do Sacramento onde ficou deposto durante tres dias para o beija pé.

Para se fazer ideia da enorme concorrencia de povo á Basilica de S. Pedro, bastará dizer que foi preciso levantarem-se balisas na praça e na egreja para regularisar a circulação.

A policia no interior do templo era feita por carabineiros e soldados italianos, mas apezar d'isso deram-se alguns desmaios de varias damas por causa de conflictos entre o povo.

Durante os dias que o cadaver se conservou exposto o povo entrou no templo, desfilando com reverencia pela frente do cadaver do pontifice.

Na tarde de 26 foi fechada a Basilica ao publico e acto continuo começaram os preparativos da solemne cerimonia da missa dos defuntos.

Pouco depois das 5 horas organisou-se o cortejo funebre no interior da Basilica para a remoção do cadaver de Leão XIII para o tumulo provisorio.

Restabelecido o serviço dos guardas palatinos e dos gendarmes pontificios, abriu-se o templo pelo lado da sachristia, em frente da qual se encontravam já muitos milhares de pessoas, membros do corpo diplomatico e da alta sociedade que assistiram á cerimonia occupando tribunas.

Duas horas depois a Basilica estava invadida pelo povo que se agglomerava como um mar de vaga revolta por detraz do cordão da guarda palatina que devia contel-o, para dar espaço á passagem do funebre cortejo.

TUMULO DE S. S. LEÃO XIII MANDADO FAZER POR ELLE PROPRIO, EM S. JOÃO DE LATRÃO

O templo estava illuminado a luz electrica.

Ao lado do catafalco haviam tomado logar os cardeaes.

Os penitenciarios da Basilica da Ordem dos Menores conventuaes e o Capitulo do Vaticano que os precedia, estavam de cyrios accesos desde a sachristia, onde á chegada do corpo o decano dos canones o abençoou espargindo agua benta.

Pelos Chantres foi então cantado o Miserere que era repetido por todo o cortejo.

Terminadas as preces prescriptas pelo ritual, o decano do Capitulo deu a absolvição e o mordomo-mór cobriu o rosto de Leão XIII com um veu branco.

Em seguida o prefeito das cerimonias cobriu o corpo com um panno vermelho e os guardas nobres levantando-o depositaram-no n'um ataude de madeira de cypreste, forrado de veludo carmezim no interior.

No feretro foram depositadas tres bolsas de seda vermelha, que continham medalhas de oiro, de prata e de bronze em numero egual aos annos do pontificado de Leão XIII, e um tubo de vidro, encerrado n'outro de chumbo, com um pergaminho onde está escripta a biographia e o panegyrico do fallecido papa.

Então o conde de Pecci, sobrinho de Leão XIII e o principe Rospigliosi, commandante dos suissos e dos gendarmes, beijaram o pé do Papa sendo em seguida collocada a tampa no ataude que foi cuidadosamente sellada com os sellos do camerlengo, de monsenhor Rampolla, arcipreste da Basilica e do mordomo.

O ataude depois de sellado, foi collocado n'outro de chumbo cuja tampa foi tambem cuidadosamente sellada, e onde estão gravadas as datas do nascimento e morte de Leão XIII e os annos do seu pontificado.

Emquanto se procedia á soldadura, o notario do Vaticano leu uma extensa carta escripta em latim, na qual se ennumeravam as differentes cerimonias executadas desde a morte de Leão XIII, e em que se certificava a defuncção d'este e a existencia do cadaver, o acto do embalsamamento, o da trasladação e o seu deposito no ataude.

Terminada a operação do encerramento, sobre a tampa de chumbo foram appostos eguaes sellos aos que haviam sido collocados no ataude de madeira, e em seguida foi o caixão mettido n'outro de madeira de olmo, tendo na parte superior pintadas as armas de Leão XIII.

Dada a benção do ataude o cortejo dirigiu-se para o Sarcophago, onde se costumam depositar provisoriamente os cadaveres dos Papas. E' uma urna muito simples e modesta, sobre a qual ha uma tiara e que está collocada por cima da porta que vae para o côro.

Depositados os restos de Leão XIII que permanecerão ali em quanto não estiver concluido o monumento funerario de S. João de Latrão, e que é assumpto d'uma das nossas gravuras, terminaram as cerimonias dos funeraes de Leão XIII para dar principio aos trabalhos da reunião do conclave que iniciou os seus trabalhos no dia 3 do corrente.

MARQUEZ DE VILLA VERDE

Do ministerio hespanhol ha pouco eleito é presidente de conselho o marquez de Poso Rubio (Villa Verde), um dos homens que ultimamente mais se tem evidenciado na politica do visinho reino.

MARQUEZ DE VILLA VERDE

Tendo servido diversos cargos publicos com a maior distincção, a corôa hespanhola distingui-o agora, confiando-lhe a presidencia de um ministerio, em que elle é o mais antigo membro, comquanto seja o mais novo dos seus collegas.

Os seus profundos conhecimentos dos negocios publicos de ha muito o haviam indicado para o logar proeminente que n'este momento occupa, tendo no cargo de governador civil de Madrid, quando se deram os successos tumultuosos dos estudantes, procedido por forma que pozeram o seu nome em grande evidencia, sendo muito discutidos os seus actos.

Em substituição de D. Romero Robledo, que era ministro da governação no gabinete presidido por D. Antonio Canovas, foi chamado para a gerencia d'aquella pasta, provando-se então que a par dos vastos conhecimentos possuia os dotes de um estadista distincto.

A confiança com que a monarchia de Hespanha distinguiu o marquez de Villa Verde, é o testemunho de que está n'elle um dos seus esteios futuros, e assim o tem provado já, não só os seus actos de administração publica, como na propaganda, que de longa data vem fazendo á politica constitucional d'aquelle paiz.

A natureza e seus phenomenos

I

PHYSICA

PARTE I

A GRAVIDADE

II — MOVIMENTO

(Continuado do n.º 884)

Um corpo movendo-se, descreve uma linha que se denomina *trajectoria*. Se a trajectoria de um corpo fôr uma linha recta, o movimento diz-se *rectilineo*; se fôr uma linha curva, *curvilineo*. Um individuo caminhando por uma estrada direita, está animado de movimento rectilineo. Os ponteiros de um relogio movendo se em torno do mostrador teem movimento curvilineo.

Supponhamos que um individuo n'uma estrada caminha n'uma hora, 5 kilometros; em duas horas, 10 kilometros; em tres horas, 15 kilometros, etc. Este movimento diz-se *uniforme*, porque, no fim do mesmo tempo, o individuo caminhou espaços perfeitamente eguaes. Ao espaço constante que esse individuo caminha, no mesmo tempo, denomina-se *velocidade*.

Mas se esse individuo caminhar n'uma hora, 5 kilometros, na segunda apenas 4 kilometros, na terceira, 3,5 kilometros, etc., o seu movimento diz-se *variado*, visto que no mesmo tempo caminhou o individuo, espaços diversos.

Como a sua velocidade foi successivamente diminuindo o seu movimento diz-se *retardado*.

Se, porém, caminhasse na primeira hora, 3,5 kilometros, na segunda 4 kilometros, na terceira 5 kilometros, etc., o seu movimento denominar-se-hia *accelerado*, visto que a sua velocidade augmentava successivamente.

Como vemos, n'este movimento, a velocidade não é constante. Se, porém, a julgarmos invariavel n'um dado momento, esse movimento passaria a ser uniforme. A velocidade, no momento considerado, como que se o corpo estivesse animado de movimento uniforme, seria a velocidade do movimento *variado*.

Dizendo que a velocidade de um individuo é de 5 kilometros, quando animado de movimento variado, não quer dizer que esta seja sempre de 5 kilometros, mas sim que, no momento considerado, a sua velocidade era egual a essa quantidade.

Velocidade, no movimento variado, é, pois, o espaço percorrido por um corpo animado d'esse movimento, durante uma unidade de tempo, suppondo que a partir d'esse momento, o corpo modificaria o seu movimento, passando a ter movimento uniforme.

Quanto a velocidade de um movel augmenta ou diminue de espaços eguaes em tempos eguaes, o movimento diz-se *uniformemente variado*. É *uniformemente accelerado* no primeiro caso, e *uniformemente retardado*, no segundo.

N'este movimento, a velocidade toma o nome de *acceleração*.

Acceleração é, pois, o accrescimo ou diminuição constante da velocidade no mesmo espaço de tempo.

Temos supposto até aqui, o corpo reduzido a um ponto material, isto é, a um ponto onde se encontra toda a sua materia. Se considerarmos, o movimento de todo o corpo, podemos ainda admittir mais especies de movimento.

Assim, o movimento diz-se de *translação*, quando todos os pontos do corpo descrevem ao mesmo tempo, espaços eguaes e parallelos. Temos, como exemplo, o movimento da Terra em torno do Sol.

Este movimento pode tambem ser *rectilineo* ou *curvilineo* consoante a trajectoria, e *variado* ou *uniforme*, consoante a sua velocidade é egual ou diversa, para todos os pontos do corpo, durante a mesma unidade de tempo.

O movimento diz-se de *rotacão*, se todos os pontos de um corpo descrevem circulos em torno de um ponto fixo (eixo).

O movimento da terra em torno de si mesmo, é um movimento de *rotação*.

Os pontos mais affastados do eixo descreverão, ao mesmo tempo arcos maiores; por conseguinte, a velocidade, n'este movimento, não é identica para todos os pontos do corpo.

Se, n'um corpo animado de rotação e translação, o seu eixo fôr parallelo á direcção da translação, o movimento diz-se *helicoidal*. O movimento de um parafuso dentro da sua porca, é um movimento *helicoidal*,

O movimento de oscillação de que as moleculas de um corpo são animadas quando desviadas da sua posição primitiva, em virtude de sua elasticidade, diz-se *movimento vibratorio*. É o movimento das cordas de uma guitarra ou violino, um *movimento vibratorio*. As oscillações, denominam-se *vibrações*.

Amplitude de uma vibração é o desvio que o corpo experimenta, para um e outro lado de sua posição de equilibrio, quando qualquer causa o perturbe. A maneira que a amplitude diminue, o corpo tende a voltar, de novo, ao equilibrio natural.

(Continúa) *Antonio A. O. Machado.*

O ultimo senhor de um velho solar

ROMANCE HUNGARO

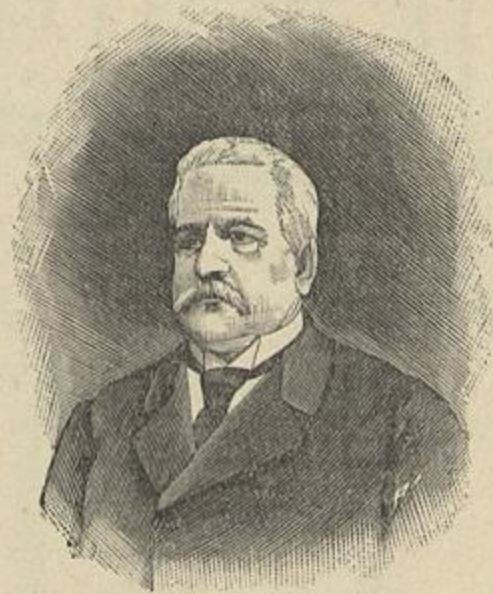
POR

Paulo Gyulai

(Continuado do n.º 881)

Encaminhou-se o prestito para a egreja. A Maria coxinha, a quem as tribulações dos ultimos dias haviam concorrido a aggravar sobre modo a perna aleijada, acompanhava com difficuldade o prestito, agarrando-se á falda do vestido da governante, circumstancia que lhe valeu por parte d'esta, nova reprehensão, do theor seguinte; Ora tu meu sapo côxo, que não prestas senão para servir de estorvo a toda a gente! E o caso é que se deu o estorvo, mas d'esta vez ainda não por culpa da pobre da coxinha. O zagal dos bufalos, com grande escandalo da multidão, que prestava a ultima homenagem a seu amo e senhor, vociferava exultante de alegria, que iam ser postos no olho da rua as colonias.

E assim era. Achava-se liquidado o processo intentado pelo defunto Radnothy aos colonos rebeldes, o tribunal agrario havia-o reintegrado na posse dos terrenos usurpados, e os gendarmas davam cumprimento á sentença, intimando os renitentes a evacuar seus domicilios, sob pena de os levarem presos. O jardineiro foi de todos o que menos se atreveu a resistir, em compensação, porém, desfez-se em vituperios contra Radnothy, desacato que a tal ponto assanhou o zagal dos bufalos, que este, no dia seguinte, protestou pregar uma surra valente no jardineiro. Infelizmente, nunca se atreveu a levar a effeito a ameaça. Que muito mais merecia o jardineiro, pois se não restringiu ás blasphemias, e ainda naquella mesma noite poz fôgo á mansão. Nunca se veiu a apurar se com effeito fôra elle o auctor do attentado, o resultado, porém, foi ficar o solar reduzido a ruinas, que de ninguem mais foram visitadas, á excepção do cão de guarda: o fidelissimo animal, agachado, para ali, sobre as ruinas do vestibulo, á espera do amo, uivava, dolentemente.

E assim ficou arrazada a solarenga mansão, e ninguem a podia herdar. E quem herdaria as propriedades? A pergunta ainda hoje aguarda uma solução. O testamento deu logar a novo processo. Radnothy, deve recordar-se o leitor, desherdára a filha, e na eventualidade da morte do filho, havia legado todos os seus bens ao collegio de Nagy-Enyed; o fisco não se julgou habilitado a herdar os bens de uma nobre familia extincta,

por se acharem revogados os privilegios da nobreza. E comtudo, á data de 1851, o antigo direito hereditario estava ainda em pleno vigor, a lei dos morgados existia ainda em principio, e a revogação não fôra ainda promulgada. O pobre Radnothy, uma vez na sua vida, submettera-se ao novo systema, e effectuou por esse facto um acto illegal. O fisco fez-lhe mão baixa nos bens, e o collegio de Nagy-Enyed moveu um processo ao fisco. N'este ensejo, eis que surde um terceiro pretendente, o capitão Kaklenberger, marido da Elsbeth Radnothy, reduziu a especie metalica a herança materna da mulher, e mais tarde, a parte que lhe revertia dos rendimentos da propriedade, e requereu que a sua esposa fosse concedida a posse dos bens na sua totalidade, visto como esta, além de immediata herdeira, era tambem actualmente a unica representante da familia.

Como estivesse nullo o testamento, foi-lhe attendida a petição e concedidos os bens, e no intuito de contemplar numa justa medida o collegio de Nagy-Enyed, elle proprio instituiu uma pensão para mantença de dois estudantes, que manifestassem mais progresso na lingua e na litteratura allemã. Tomou então posse legal dos bens. A breve espaço não restava um unico vestigio que recordar pudesse o antigo possuidor.

A criadagem dispersára, a Maria coxinha nem se atrevia a afrontar a presença de Elsbeth, desappareceu, e o cão de guarda foi morto a tiro, pois tivera o arrojo de receber á dentada o mimôso cão de agua do capitão Kaklenberger.

O novo dono nutria vastos planos; queria reformar a propriedade, civilizar a aldeia. Mandou insculpir o nome da aldeia em letras brancas em uma lapide de marmore preto, á imitação do que se pratica nos paizes civilizados; em substituição da antiga tasca da aldeia, mandou edificar um estabelecimento provendo-o com todas as commodidades, o que deu em resultado não se atreverem a frequenta-lo os intonsos e sordidos camponios.

Os terrenos infeudados povoou-os com algumas familias que mandou vir da Bohemia, estas, porém, poucos mezes depois de estabelecidas, em resultado do clima, e do abuso da carne de porco, principiaram a ser atacadas de febres, aggravando-lhes o estado morbido o uso immoderado do vinho, aliás excellente. O inspector das propriedades, um sujeito de oculos, tinha a mania de construir. Hoje, um *chalé* suisso, amanhã uma fabrica, no dia seguinte, um canal. Como consequencia das muitas reformas e alvitres civilizadores, viu-se Kaklenberger ameaçado, devolvido um anno, de ter que vender os bens em hasta publica, eis se não quando, o obito providencial da coronéla lhe vem trazer nova herança. Sem receio, agora, de ter que liquidar, proseguiu no caminho das reformas e dos alvitres civilizadores. Entretanto, continuava a não conhecer rival já na polka já na valsa; os seus camaradas, assiduos a visitá-lo, não cessavam de o contemplar com admiração, citando-o como «rapaz ás direitas», sentimento de que não participava em absoluto a pobre da esposa, que derramou muita lagrima, buscando lenitivo e distracção nos romances panoramas de sensação dos periodicos viennenses.

M. Macedo (Pin-Sel).

FIM

O MEZ METEOROLOGICO

Julho, 1903

Barometro. Maxima altura 769mm3 em 20.
» Minima » 760mm6 em 17.

Durante o mez foram notadas, em muitos dias, pressões relativamente altas, attingindo estas, alturas superiores a 765mm nos seguintes dias: Em 2 (766,5), em 3 (767,5), em 4 (765,2), em 19 (766,1), em 20, em 21 (766,5), e de 24 a 29, com um maximo, em 27 de 1670,8.

Thermometro. Maxima 33°,2 em 7.
» Minima 15°,5 em 3.

Foram apenas de seis, os dias em que o thermometro attingiu, pelo menos, 30°.

Em 7, 8 (32°,7); 9, 10, 21 e 31 (31°,7).

Céu. Bom tempo 25 dias.

Céu. Nublado 6 dias.

Ventos dominantes.—SW em 1, NW de 2 a 6, NE até 11, SE em 12 e 13, NW em 14, SW até 18, N de 19 a 30, NE em 31.

Chuva. Um unico dia de chuva, em 16, que produziu no pluviometro, 2mm,7.

Durante o mez, não foram observados relampagos nem trovões.

NECROLOGIA

JOAQUIM COELHO DE CARVALHO

O distincto par do reino Joaquim José Coelho de Carvalho, falleceu em Lisboa, no dia 21 de julho, tendo regressado dias antes de Bellas, onde fôra em busca de allivios para os seus padecimentos.

Foi um dos vultos mais notaveis da politica do Algarve, e muito considerado pelos seus altos dotes de caracter e de intelligencia que o tornaram merecedor da sympathia e consideração publica.

Era descendente da familia dos Coelhos de Carvalho, a que está ligada a historia politica da provincia do Algarve no seculo passado.

O pae do fallecido foi o primoroso escriptor das *Viagens* e o notavel traductor das *Eclogas.*

Joaquim Coelho de Carvalho desde muito novo revelou nos seus estudos que havia de ser o homem distincto que foi. Fez o curso de mathematica na Universidade de Coimbra com inexcedivel applicação, obtendo premios em todos os annos, e, sentando praça, completou os seus estudos na Escola do Exercito, sendo aos 25 annos eleito pela primeira vez deputado pelo Algarve.

Esta circumstancia fez com que elle abandonasse o serviço activo da vida militar, dedicando-se á politica onde sempre manteve um elevado prestigio.

Nomeado par do reino foi um digno representante das tradições de talento, hombridade e espirito liberal, que distinguiram sempre e em todas as eventualidades os seus ascendentes.

Foi orador fluente, conceituoso e conversador de espirito. Nos assumptos commerciaes e de industria, embora não tivesse sido negociante, a sua opinião e o seu conselho eram justos e acertados. Creou uma propriedade rustica importante, a melhor do concelho de Lagos, e a sua administração como presidente d'aquelle municipio foi modelar.

Era liberal por tradicção e convicção com cujos principios nunca transigiu, e occupando o cargo de governador civil e outras commissões de serviço publico, deu inequivocas provas de ser um grande espirito civilisador e justiceiro.

Amigo pessoal e politico do fallecido par do reino Manoel Vaz Preto, se não ascendeu ás culminancias do poder não foi por que não lhe abundassem dotes que o tornariam uma utilidade incontestada na gerencia dos negocios publicos.

O illustre extincto deixa em seu filho, o distincto escriptor sr. Coelho de Carvalho, um digno continuador das suas tradições honrosas e do seu nome impolluto.

Recebemos e agradecemos:

Elementos para a historia do municipio de Lisboa, por Eduardo Freire de Oliveira, archivista da camara municipal da mesma cidade, socio correspondente do Instituto de Coimbra. 1.ª parte, publicação mandada fazer a expensas da Camara Municipal de Lisboa, para commemorar o centenario do marquez de Pombal em 8 de maio de 1882. Tomo XII. Lisboa, Typographia Universal (imprensa da Casa Real) 110 rua do Diario de Noticias, 1903.

Este volume, de 652 pag., abrange documentos desde setembro de 1723 a dezembro de 1734, seguindo a ordem chronologica e pacientemente desentranhados dos archivos da camara pelo investigador e incansavel archivista sr. Freire de Oliveira, a quem por mais de uma vez nos temos referido n'este logar apreciando o seu valioso trabalho.

Censo da população do Estado da India *em 1 de dezembro de 1900.— Volume I.— Relatorio. Quadros synopticos, especiaes e graphicos e uma carta do territorio de Gôa.— Nova Gôa.— Imprensa Nacional.— 1903*

Comprehende este volume o relatorio do censo da população do Estado da India, a que se procedeu em 1 de dezembro de 1900, abrindo com uma resumida noticia sobre os respectivos territorios e a sua circumscripção administrativa, ecclesiastica, judicial, militar e eleitoral. Com referencia a esta primeira parte, traz junto um ligeiro esboço da carta de Gôa, que é o districto mais importante, conforme a sua divisão administrativa; e o relatorio é documentado com 16 quadros, sendo 6 synopticos, 3 especiaes e 7 graphicos.

Além do interesse que apresenta a *Breve Noticia* que precede o relatorio e da importancia dos mappas que o acompanham, merecem menção especial a boa disposição das materias e o apuro da impressão, que faz honra á Imprensa Nacional de Nova Gôa.

Por portaria de 11 de julho do corrente anno, foram louvados por este seu trabalho, o secretario geral do governo da India, bacharel Francisco Maria Peixoto Vieira e o seu valioso auxiliar sr. José Antonio Ismael Garcias, chefe da secção da secretaria geral do mesmo Estado. N'este diploma official, publicado no *Diario do Governo* de 14 do referido mez, se reconhece que o censo da população do Estado da India, referido a 1 de dezembro de 1900, «está cuidadosamente feito e reune em si uma importante e valiosa somma de informações e de mappas estatisticos que manifestamente representam uma assidua e intelligente dedicação pelo serviço» pelo que El-rei manda louvar os referidos funccionarios.

Registamos com prazer este louvor, e d'aqui enviamos ao sr. Ismael Garcias os nossos cumprimentos pelo seu novo trabalho, agradecendo o exemplar com que nos distinguiu.

Uma excursão á Serra da Arrabida *— Noticia historica. — Idéa muito geral da geologia da Serra da Arrabida — Roteiro de Lisboa a Setubal. — Imprensa Commercial. — Lisboa, 1903.*

O presente folheto faz parte dos *Annaes da Academia de Estudos Livres* e foi distribuido por esta corporação ás pessoas que tomaram parte na digressão á Serra da Arrabida, realisada no domingo 19 de julho proximo. Subscrevem os diversos capitulos d'esta monographia os srs. J. C. de Sousa Gonçalves, que escreveu a interessante *Noticia historica*, o sr. Pereira de Sousa a *Idéa muito geral da geologia da Serra da Arrabida*, e o sr. G. A. Vidal Junior, o roteiro de Lisboa a Setubal.

Illustram o folheto duas bellas gravuras representando o mosteiro da Serra da Arrabida e a estatua symbolica do frei Martinho.

Como os anteriores volumes dos *Annaes da Academia de Estudos Livres* acha-se este ultimo tambem á venda avulso, custando apenas 100 réis.

Relatorios. — Temos presentes os relatorios e contas do *Banco Lusitano, da Associação de soccorros mutuos na inhabilidade, da companhia de seguros Fidelidade, da Directoria do gabinete Portuguez de Leitura em Pernambuco, da Commissão de Beneficencia da freguezia de Santa Catharina, do Asylo da Ajuda, do Monte-pio Geral.*

Annuario da Universidade de Coimbra — Anno lectivo de 1902-1903. Coimbra, Imprensa da Universidade.

Este annuario alem de dar noticia de todo o movimento universitario do anno, insere uma desenvolvida noticia sobre o archivo da Universidade; o decreto e respectivo relatorio, de 24 de dezembro de 1901 que reformou os estudos da Universidade; a reforma do ensino de pharmacia, decreto de 23 de agosto de 1902; curso de habilitação para o magisterio, decreto de 3 de outubro de 1902; fiscalisação e julgamento das faltas dos estudantes da Universidade, decreto de 18 de outubro de 1902; reforma dos serviços da Real

Capella da Universidade, decreto de 13 de novembro de 1902; programmas das cadeiras de faculdade de theologia e da faculdade de mathemática.

GRAMOPHONE O GIGANTE

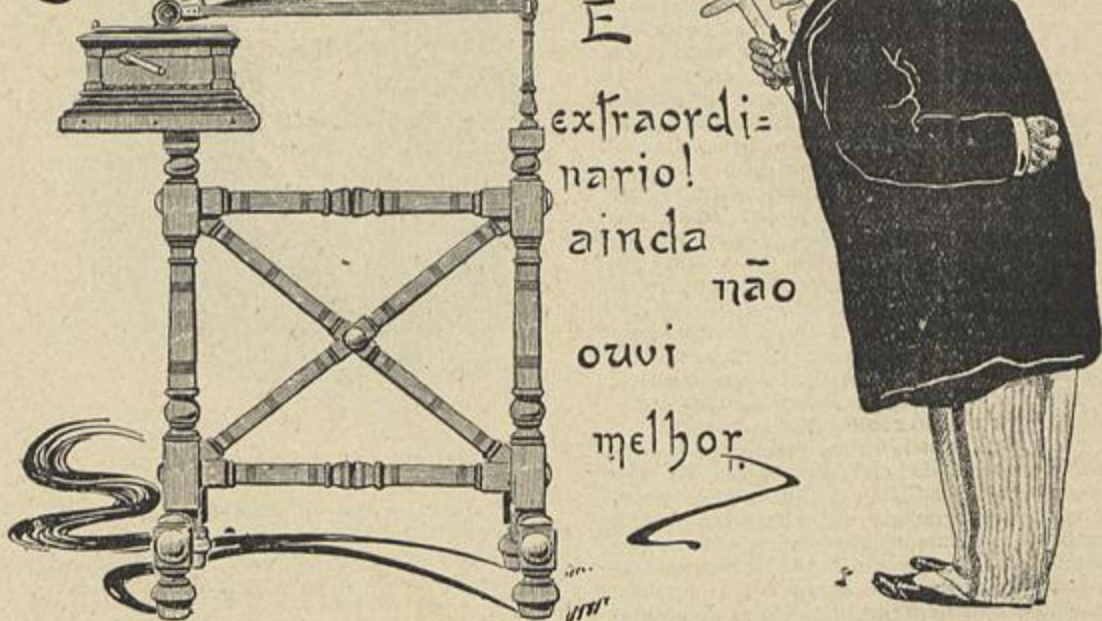
Já tivemos occasião de nos referirmos a este notavel apparelho grammophonico em o nosso n.º 865 de janeiro, informando os nossos leitores das maravilhosas e prodigiosas condições de som de tão bello instrumento.

Do que até hoje se conhece n'este genero, é sem duvida alguma, o *Gigante*, a melhor e mais aperfeiçoada machina fallante e musical.

Ha dias tivemos novo ensejo de tornarmos a ouvir *O Gigante* e cada vez nos parece melhor.

Não fere o ouvido como muitas outras machinas no genero; a orchestra, os solos de canto e de instrumentos, a recitação, a banda, tudo parece deslizar tão naturalmente, que se não fosse por cahir no exaggero diriamos que nos sentiamos transportados á realidade.

Tal é com effeito a impressão agradavel que nos deixou.

A gravura que reproduzimos, representa tão notavel quanto completo instrumento a que nos vimos de referir e para completar esta breve noticia, informaremos os nossos leitores de que chegou ultimamente á casa Santos Diniz da P. dos Restauradores que é o representante exclusivo do «Gigante» uma preciosa e linda collecção de discos que tivémos o praser de podermos apreciar. São realmente a ultima palavra e nada mais se póde exigir.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes

DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO

Exame endoscopico da urethra e bexiga.
Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS { Senhoras — ás 10 horas da manhã / Homens — ás 3 » da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

Alfredo Rebello

CIRURGIÃO DENTISTA

Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Dentaduras artificiaes, em ouro, caoutchou, etc., pelos systemas mais aperfeiçoados. Extracções de dentes sem dor. Elixir Odontologico «REBELLO»

Consultas todos os dias das 9 ás 5 da tarde

39. 1.º — POÇO DO BORRATEM, — 39 1.º

Em frente da Rua da Bitesga — LISBOA

SALA D'ARMAS MAGALHÃES

RUA DO TELHAL 71, 1.º — *LISBOA*

Centro de exercicios de esgrima de florete, espada e sabre.

Esgrima e gymnastica elementar para menores até 15 annos. Vêr preços e condições na séde da Sala d'Armas. Podem ser enviadas tabellas pelo correio a quem as requisitar.

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

Rua de S. Paulo, 216, 2.º — LISBOA

N.º telephonico 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

SERTORIO A. S. CORTE REAL

SOLICITADOR ENCARTADO

LISBOA — **Rua dos Retrozeiros, 159, 2.º**

Photographia Central

FRAGA Successor de MARTINEZ

Photographias em todos os generos e tamanhos, desde miniaturas até tamanho natural — 2 metros de altura

PROCESSOS OS MAIS MODERNOS

Encarrega-se de todo e qualquer trabalho fora do atelier

66, R. de Serpa Pinto, 66 = 4, L. da Abegoaria, 4

= LISBOA =

Guilherme da Silva Spratley & C.ª

Antiga casa A. Augusto da Silva, Successores

FUNDADA EM 1840

Vinhos do Porto e outras qualidades para consummo e exportação

ESCRIPTORIO

162 — Rua do Arsenal — 164 — LISBOA

PREVENÇÃO

Ninguem compre **moveis** sem conferenciar com os vantajosos preços da nossa **Fabrica do Porto**, no **deposito do Largo do Calhariz, n.ºs 26 e 27**, aonde o publico encontrará um grande sortimento de mobilias em diversos estylos, para todos os preços, assim como reposteiros, tapetes, oleados, espelhos, cortinas, galerias, etc. tudo por preços sem competencia.

Largo do Calhariz, 26 e 27 — LISBOA

REIS & FONSECA